



Vigilantes do DF pressionam e empresa terceirizada paga atrasados

Entidade se juntou a UNI na manifestação contra a arbitrariedade do governo peruano, que expulsou sindicalista do país sem motivos



Greve dos vigilantes da empresa Mistral Segurança, que prestam serviço na Academia de Polícia Federal

Após greve, os 28 vigilantes da empresa Mistral, que presta serviços para a Academia Nacional de Polícia-ANP, receberam os salários atrasados e o tíquete alimentação.

A greve começou na manhã dessa segunda-feira (9) e na tarde desse mesmo dia a empresa depositou os salários. No dia seguinte, os valores referentes ao tíquete alimentação também foram depositados.

Para o dirigente do Sindesv, Melquisedequi Marques, a agilidade da empresa para efetuar os atrasados só foi possível devido à mobilização de todos os trabalhadores. “Os vigilantes estão

de parabéns; isto mostra a força do movimento sindical na luta por direitos e a importância da união dos trabalhadores. O sindicato está atento para que casos assim não voltem a acontecer”, disse.

De acordo com o Sindesv, sindicato que representa a categoria, esta não foi a primeira vez que a empresa atrasou os pagamentos dos trabalhadores.

Os vigilantes voltaram ao trabalho na terça-feira (10).

Fonte: CUT Brasília

‘Não tenho raiva’, diz vigilante que ficou paraplégico após assalto

Jeimyson Nunes foi baleado durante roubo à farmácia na Zona Norte de Natal. Suspeito de disparar no vigilante durante assalto foi preso nesta segunda (9).



Jeimyson Nunes de Azevedo, de 26 anos, foi baleado no pescoço. Adolescente de 16 anos confessou crime, ocorrido numa farmácia em Natal.

“Não tenho raiva alguma dele. Nenhum sentimento de pesar. Desejo apenas que ele cumpra o que tem que cumprir e que um dia ele tenha um encontro com Deus”. Foi desta forma que o ex-vigilante Jeimyson Nunes, de 26 anos, reagiu a prisão de Glaydson Emanuel Rosendo da Silva, de 18 anos. O jovem, que confessou ter realizado o disparo que deixou o Jeimyson paraplégico, foi preso nessa segunda-feira (9), após um roubo na Zona Oeste de Natal.

O suspeito foi preso durante um assalto no bairro das Quintas, na Zona Oeste de Natal. Segundo o delegado Jodelcir Pinheiro, a Polícia Civil já vinha identificado Glaydson - que na época do crime tinha 17 anos - como o autor do disparo, mas ainda não havia conseguido localizar o suspeito. Glaydson responderá pelo crime que deixou o vigilante paraplégico como menor, mas foi preso em flagrante pelo roubo desta segunda.

Jeimyson foi baleado no dia 4 de abril deste ano. Dois adolescentes entraram na farmácia aonde Jeimyson trabalhava, no bairro do Igapó, na Zona Norte de Natal. Um vídeo do circuito interno de segurança (veja ao lado) mostra o momento em que um dos adolescentes rende o vigilante e tira o colete e a arma. Na sequência, o outro adolescente atira à queima-roupa no

vigilante. Jeimyson disse que lembra de todos os detalhes do dia do crime.

“Recordo de tudo. O menor veio durante à tarde analisar a loja e eu já fiquei de olho no movimento. Quando ele retornou à noite eu vi quando ele entrou, fiquei observando ele. Foi quando o outro entrou na loja também”, explicou Jeimyson.

O ex-vigilante ainda disse que não esboçou reação no momento do roubo para não colocar a vida dos clientes e nem dos funcionários em risco. “A minha atitude foi de não reagir justamente por pensar na segurança do pessoal na farmácia, dos clientes que estavam lá, dos funcionários, então eu preferi não reagir para trazer segurança ao pessoal. Infelizmente aconteceu o que aconteceu”, disse.

Recuperação

Jeimyson deu entrada no Hospital Monsenhor Walfredo Gurgel, maior hospital público do Rio Grande do Norte, ainda na noite do crime, com uma perfuração de bala no pescoço. De acordo com o próprio vigilante, o estado de saúde era tão grave que os médicos duvidaram se ele conseguiria voltar a falar.

“Quando eu cheguei no hospital, o primeiro diagnóstico é que nem conseguir falar eu iria. Que ia me alimentar por sonda, não ia movimentar nada do meu corpo. Hoje eu falo normal, me alimento muito bem e o movimento da parte superior já está voltando, Graças a Deus”, comemora Jeimyson.

Quanto aos planos para o futuro, Jeimyson diz que espera servir de exemplo para mostrar que nenhuma dificuldade pode ser maior que o desejo de viver. “Meu sonho é transmitir para as pessoas a mensagem de que a vida continua independente das circunstâncias, sempre, sempre a vida continua. Há um dia melhor nos esperando”, concluiu.

Fonte: G1

Dilma deixa Planalto, mas não a luta pela democracia

Em discurso, presidenta aponta que injustiça e traição doem mais do que tortura e reafirma que no período de afastamento lutará por mandato



Milhares de pessoas foram ao Palácio do Planalto receber a presidenta Dilma

Quando se aproximou da grade que separava o governo deposto do povo, a presidenta eleita Dilma Rousseff viu braços abertos e gritos de “força” e “estamos com você” de quem trazia no rosto suado a indignação diante do golpe.

Após ser recebida dentro do Palácio do Planalto pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e por lideranças dos movimentos sindical e sociais, a presidenta fez um breve discurso ao lado de ministros e parlamentares para mais de 15 mil pessoas, num palco improvisado ao nível da rua, a poucos metros da multidão. Em lugar de descer a rampa, saiu pela porta lateral que utilizou diariamente durante seus dois mandatos e, dispensando o tradicional parlatório, foi ao microfone.

Diante das pessoas que foram apoiá-la, Dilma lembrou que enfrentar golpes e a injustiça faz parte de sua história. “Ao longo da minha vida, eu, da mesma forma que todas as mulheres, sempre enfrentei desafios. Enfrentei o desafio da tortura e do combate à ditadura. Enfrentei a dor invisível da doença. Mas o que mais dói é essa situação que vivo agora, a inominável dor da injustiça e da traição”, falou. Dilma classificou este 12 de maio como o dia mais triste de sua vida.

A presidenta eleita ressaltou, porém, que não abandonará a defesa do mandato dado por mais de 54 milhões de brasileiros e brasileiras.

“Nesse momento em que as forças da injustiça e da traição estão soltas por aí, estou pronta para resistir”, garantiu

O alvo é o povo

Dilma lembrou que o suposto crime pelo qual foi afastada, as chamadas ‘pedalas fiscais’, eram ações rotineiras em governos que a antecederam e isso não gerou afastamento de outros presidentes.

Também destacou mais uma vez que o golpe é o resultado da recusa do PT em defender o ex-presidente da Câmara dos Deputados e réu na Operação Lava Jato, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), no Conselho de Ética da Casa. A presidenta eleita alertou ainda os brasileiros de que o impeachment nada mais é do que uma forma de combater as políticas que elevaram a renda dos mais pobres e da classe média, colocaram jovens nas faculdades por meio de cotas, defenderam o pré-sal e fizeram virar realidade o sonho da casa própria via Minha Casa Minha Vida.

Conquistas que agora estão em risco sob a gestão do vice Michel Temer. “Quando falam em focar, reduzir, na verdade, querem dizer que vão diminuir até acabar com elas (políticas públicas).”

Dilma ressaltou também que os 180 dias em que ficará afastada até o impeachment ser julgado definitivamente pelo Senado servirão

para defender um modelo de governo baseado na democracia.

“Agradeço a todas as pessoas que foram às ruas dar um não imenso ao golpe, que estão do lado certo da história. Somos aqueles que sabem como é a luta cotidiana e não desistem nunca.”

CUT pelos trabalhadores

Presente ao ato, o presidente Nacional da CUT, Vagner Freitas, disse que esse é o momento mais perigoso para a classe trabalhadora desde a ditadura e que o cenário exigirá dos movimentos sindical e sociais a manutenção da unidade e da capacidade de se manterem nas ruas.

“Além do afastamento da presidenta legitimamente eleita, teremos agora o início de um governo que tem em seu DNA a retirada de direitos dos trabalhadores. Nossas conquistas nunca estiveram tão em risco como agora, por isso, nos próximos 180 dias, vamos fazer greves, manifestações e denunciar o golpe dentro e fora do Brasil. Para voltarmos à normalidade democrática e termos novamente um governo escolhido nas urnas por 54 milhões de eleitores”, apontou.

Novo front

Como Vagner, outras lideranças também apontaram que a organização para enfrentar o governo Temer e defender direitos começa imediatamente. Ao lado de outros indígenas tradicionalmente trajados, a representante da Articulação de Povos Indígenas do Brasil (Apib), Sônia Guajajara, declarou que cobrará a manutenção de compromissos firmados no governo Dilma. “Esse novo governo foi construído com base em muitas negociatas com ruralistas, em função de territórios, inclusive, indígenas. E já anunciou no programa deles uma série de desrespeitos. Vamos continuar mobilizados para exigir que assuma todos os atos publicados pela presidenta Dilma em relação às demarcações e homologações de terra e ao conselho nacional que trata das nossas questões”, disse.

No meio do povo, com um boné vermelho e uma rosa no peito, Marlene Soccas comentou como era rever o golpe. Ex-militante da Ação Popular, da mesma forma que Dilma, ela também foi presa em 1970 e passou dois anos e dois meses na cadeia.

Período em que sofreu com choques e pau de arara. Anistiada, ela acredita que o impeachment é parte de um processo mais amplo que envolve outros governos na América do Sul.

“A mão do imperialismo norte-americano, que em 1964 deu um golpe militar no Brasil e trucidou muitas pessoas que se posicionaram contra, mudou de tática a partir do Paraguai, onde derrubou o presidente Fernando Lugo, em Honduras, contra o Manuel Zelaya e, agora, contra a Dilma. Assessorando, financiando e ensinando como manipular a informação no Brasil”, definiu.

Como apontou Gilney Viana, responsável pelo projeto Projeto de Direito à Memória e à Verdade da Secretaria Nacional de Direitos Humanos, que busca levar criminosos da ditadura às barras dos tribunais, o primeiro passo dos reacionários é sempre travestir o discurso de legalidade.

“Os golpes precisam de discurso que os mascarem. Antes falavam que era defesa da democracia, em 1964, agora, que é contra a corrupção. Isso é para esconder os verdadeiros interesses que estão por baixo disso.” O caminho para retomar a democracia, defende, ele é preparar uma nova linguagem capaz de dialogar com a população de maneira mais direta.

“Sabemos que isso não será revertido de uma hora para outra, porque a aliança golpista é muito ampla e forte, mas precisamos retomar nossa capacidade de mobilização de massas e de responder às demandas sociais. Sem isso, não avançaremos”, falou.

Deixar o governo é uma dor para Aparecida Gonçalves, que por 13 anos foi Secretária Nacional de Enfrentamento da Violência Contra a Mulher. “Eu estou me sentindo traída, não pessoalmente, mas pelo projeto que estávamos construindo, as políticas que estávamos consolidando”, diz Cida, que é professora de História. Ela pretende voltar a dar aulas. “Sala de aula sempre há. Mas o que mais me inquieta é como fazer algo para não perdermos as relações e as políticas que foram construídas. Estou mais angustiada com isso do que com problemas relativos a meu futuro pessoal”, comentou.

Cida acredita na volta de Dilma ao exercício pleno da Presidência. “Fora do palácio, ela terá mais condições de se defender. O que está faltando é a maioria da população entender de fato o que está acontecendo, e para isso vamos ter de fazer um bom debate com a sociedade”.

Fonte: CUT

Expediente:

Boletim produzido pela assessoria de comunicação da CNTV

Presidente da CNTV: José Boaventura Santos

Secretário de Imprensa e Divulgação: Geraldo da Silva Cruz

Jornalista: Pricilla Abdelaziz

Diagramação: Anibal Bispo

www.cntv.org.br

cntv@terra.com.br

(61) 3321-6143

SDS - Edifício Venâncio Junior,

Térreo, lojas 09-11

73300-000 Brasília-DF